



A ESCOLA RECONHECENDO SEU PODER COMO ESPAÇO DE TRANSFORMAÇÃO SOCIAL

EDUCAÇÃO E PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO NOS PROCESSOS PEDAGÓGICOS

Géssica Dal Pont¹
gessica.edmar@gmail.com

Introdução

A organização do ambiente escolar depende de muitas rotinas, seja pedagógica ou administrativa. Muito do que se faz na escola são apenas repetições e muitas dessas se arrastam por anos, por isso não carece muito tempo dentro da escola para perceber práticas tradicionais obsoletas (por vezes, extremas) vinculadas ao dia a dia, mas que persistem e continuam nos rondando e regendo nossa atividade escolar.

Com a atual organização da sociedade, e tudo que, de fato, ocorre por intuítos tradicionalistas, percebe-se que grande parte dessas práticas tradicionais dentro da escola não deveriam mais permanecer. Precisa-se mostrar aos alunos e todo o corpo docente uma educação democrática, que vá além apenas do conhecimento científico, e que cada um possa perceber a sua importância, para tornar-se ativo, não apenas porque precisa, mas sim porque entende a relevância da sua ação para o meio.

O medo do instável e a dificuldade em romper com o que já está posto, relutância em se entregar a novas práticas, insegurança em pisar em novas terras. Permanecer nas práticas atuais mostra-se mais seguro. E se caminhou até aqui dessa forma (ou nessa fôrma), não há motivo para que ela seja modificada. Saviani (1980) afirma que “será necessário, então, superar as teorias não-críticas e ingênuas e assumir uma perspectiva crítica da educação Brasileira”. Tais modelos se desfazem com a formação (universidade) que entende a necessidade de teorias críticas e a formação continuada daqueles que não as tiveram inicialmente. Saviani (2013) fala sobre o propósito da educação, quando pautada numa pedagogia histórico-crítica citando:

¹Professora de Educação Física e Pós-Graduada em Gestão Escolar e Coordenação Pedagógica pela Universidade do Extremo Sul Catarinense-UNESC; Pós-Graduada em Educação Física e Práticas Ludopedagógicas pela Faculdade de Ciências, Educação, Saúde, Pesquisa e Gestão – CENSUPEG.



A possibilidade de se articular uma proposta pedagógica cujo ponto de referência, cujo compromisso, seja a transformação da sociedade e não sua manutenção, a sua perpetuação. [...] Isso envolve a possibilidade de se compreender a educação escolar tal ela se manifesta no presente, mas entendida essa manifestação presente como o resultado de um longo processo de transformação histórica (SAVIANI, 2013. p. 80).

Deve-se mostrar ao corpo escolar a necessidade de mudança, e até onde isso vai refletir em nossa sociedade. Compreender, porque só quando houver compreensão da resposta que o meio traz pela democracia, bom senso, real pensamento popular, criticidade, problematização e criatividade dentro da escola é que todos se sentirão motivados a realizar novas práticas.

Fundamentação

A educação democrática, hoje, parece estar mais próxima e presente, mas quando nos aprofundamos em tal pensamento vemos que, na maioria das vezes, ela não passa de anseios que permeiam o espaço escolar e são bloqueados por medo de se adentrar em novos terrenos, continuando na “segurança” do senso comum. Profissionais com concepções diferentes do que a escola nova normalmente traz também se mostra relutante sobre escola democrática e, até mesmo, o governo que molda a educação de uma forma que consiga ter maior controle sobre as ações do grupo escolar para que seus resultados sejam favoráveis ao sistema.

Desconstruir a ideia de senso comum não é fácil, já que, como cita Saviani (1980), trata-se da mentalidade popular, a mentalidade que a massa permeia como sendo sua, mas que na realidade não reflete o seu verdadeiro propósito, mas sim o interesse mascarado da classe dominante, que quer a massa sendo massa e aumentando cada vez mais seu volume. Um ensino emancipatório faz com que os alunos pensem e se posicionem sobre o real dever do estado, suas reais obrigações e qualidade do serviço público, discussão que deve estar na escola desde a educação infantil ao ensino médio, discussão essa que se mostra ampla e confusa para as crianças menores, mas que pode ser alcançadas por meio de jogos, brincadeiras, histórias, etc.

A escola deveria ser espaço de construção para um novo pensamento popular, voltado a criar uma ideologia que trabalhe ao seu favor, para seu desenvolvimento. Libâneo (1999) coloca que a nova escola: “[...] precisa deixar de ser meramente uma agência transmissora de informações, e transformar-se num lugar de análises críticas e



produção da informação, onde o conhecimento possibilita a atribuição de significados à informação”.

Sendo assim, os alunos aprendem a analisar as informações que a escola traz, e não apenas visualizá-las e internalizá-las. Esse tipo de atitude permanece com o aluno pela sua vida quando ele entende que no momento que pensa sobre algo, ele tem poder de internalizar aquilo que se mostra mais relevante conforme sua realidade, e toma para si principalmente o que pode trazer contribuições para agir no seu contexto.

É muito comum entre professores confundir o real propósito de um espaço democrático, que é o fazer crítico, com apenas um espaço aberto a qualquer crítica vazia, sem fundamento, a crítica pela necessidade de criticar. Mas criticar o quê? Começamos pela realidade social, que Saviani (1980) coloca que no Brasil ela é desigual, tem interesses de classe e divisão social do trabalho. O professor deve fazer o aluno ponderar sobre o fato de fazer parte da classe dominada, que acredita pelo senso comum que a classe dominante tem real interesse nas suas dificuldades, por isso aceita a atual configuração escolar, porque se tem a imagem que o que é público, normalmente, é de má qualidade.

As ideias criadas pela classe dominante e difundidas na classe dominada seriam um bom ponto de partida para um fazer crítico, sair do senso comum, que Saviani (1980) aponta como bom senso, que caminha para os reais interesses da classe e ainda completa que o fazer crítico na escola é “a luta para que a escola pública se transforme num poderoso instrumento de ‘progresso intelectual da massa’”, onde a competência técnica da escola e seu sentido político são agregados.

O que se nota com frequência nas escolas é um ensino que se pode dizer utópico. Não pela qualidade metodológica ou material, mas porque tenta encaixar um tipo de método educacional que não parte da realidade do aluno, da escola, da comunidade. Procuram-se por modelos educacionais eficientes (não significa que não sejam) que são aplicados em escolas modelo com tudo que se possa imaginar à disposição, e que estão inseridas em um meio totalmente diferente do qual a maioria das escolas públicas fazem parte. É visto que não será eficiente. O empenho em compreender e pôr em prática um método exemplar de ensino deveria ser o mesmo para compreender a realidade do que se acontece e porque acontece no seu âmbito escolar, para criar o modelo adequado àquele espaço.

O aluno deve ser o ponto de partida para qualquer didática, método ou planejamento adotado. Saviani (2013) reflete sobre o trabalho educacional que é:



O ato de produzir, direta e intencionalmente, em cada indivíduo singular, a humanidade que é produzida histórica e coletivamente pelo conjunto dos homens. Assim, objetivo da educação diz respeito, de um lado, a identificação dos elementos culturais que precisam ser assimilados pelos indivíduos da espécie humana para que eles se tornem humanos e, de outro lado e concomitantemente, a descoberta das formas mais adequadas para atingir este objetivo (SAVIANI, 2013, p. 13).

Libâneo (1999) fala sobre a formação e profissionalização de professores como suporte das reformas educativas. A formação de professores hoje, em muitas universidades, dá conta de uma educação mais democrática, com mais visualização da escola no seu contexto, e isso nem sempre significa vantagem, já que quando se chega à escola o que se encontra é um ambiente defasado, tomado por profissionais, muitas vezes, frustrado e que não conseguem colocar em prática todo o brilho que lhes foi dado na formação. Esses profissionais devem saber identificar as carências, falhas e insuficiências da escola em relação aos seus alunos, para reformular tal espaço para que se torne um ambiente adequado, produtivo, benéfico e tantos adjetivos mais.

É importante que tudo isso seja dito, já que quem deve determinar a real necessidade educacional são os alunos com seus professores e equipe pedagógica. A mídia, as classes elevadas, celebridades, pessoas que não estão dentro do espaço escolar não sabem o que é preciso ser colocado em pauta nas nossas aulas. Não é apenas sobre o conteúdo científico, eles são necessários, mas como eles devem ser trabalhados, para quem, e como influenciam no dia a dia e na capacidade de ação. Saviani (1980) fala sobre teoria como não sendo “apenas retratadora da realidade, não apenas explicitadora, não apenas constatadora o existente, mas é também orientadora de uma ação que permita mudar o existente”.

Considerações Finais

Para se tornar professor hoje, acredito que não podemos temer novos caminhos. Tudo que se mostra produtivo, positivo para a educação científica e social dos nossos alunos merece atenção e estudo. Esse tipo de atitude vem, ou deveria vir, já das universidades, logo na formação inicial dos professores, para que depois se torne um hábito saudável para a educação.

Compreender o avanço social que a escola é capaz de trazer é fundamental para que novos métodos e didáticas sejam adotadas. O corpo escolar que percebe sua influência, trabalha ativamente para que a educação se transforme e transforme seus



alunos conforme sua posição na sociedade. Para isso, é necessário que os alunos compreendam o espaço que ocupam na sua classe e porque ocupam, e tenham em si o fervor de mudança trazido pela escola.

O corpo escolar pensar como a classe popular, entender-se nessa classe é o primeiro passo para que eles possam difundir entre os alunos o entendimento de que eles também fazem parte dessa categoria. Para tanto, devemos retornar à formação docente, para que assim o professor possa agir, Libâneo (1999) defende que seu processo de formação também deve ter acontecido assim, uma vez que a formação continuada nem sempre dá conta de mudar concepções.

Formação continuada é quase que um bordão quando se fala em educação, mesmo assim ela é negligenciada. Poderia ser esse tipo de formação um espaço de troca de experiências positivas sobre práticas democráticas e libertadoras as quais profissionais possam perceber que sua capacidade de ação sobre seu aluno vai além do que o conteúdo curricular traz pura e simplesmente, para uma utilização efetiva do conteúdo científico, historicamente produzido, para a transformação da sociedade.

Referências

LIBÂNEO, José Carlos. **Adeus professor, adeus professora?!**: novas exigências educacionais e profissão docente. 3. ed. São Paulo: Cortez, 1999.

SAVIANI, Dermeval. **Educação**: do senso comum à consciência filosófica. São Paulo: Cortez, 1980.

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia histórico-crítica**. 11. ed. Campinas: Autores Associados, 2013.